

TECNOLOGIAS E VIDA

Daniel Nascimento-e-Silva, PhD

Presidente da Fundação de Apoio ao Ensino, Pesquisa, Extensão e Interiorização do IFAM

A quantidade e a qualidade das tecnologias disponíveis a uma população aponta o grau de bem estar e desenvolvimento que tenha alcançado. Isso também faz a diferenciação entre sociedades desenvolvidas e as mais atrasadas. Em Manaus, no que pese ser o centro produtor de inúmeros equipamentos com as mais altas tecnologias do Planeta, ainda é uma cidade que precisa prosperar em muito na incorporação de tecnologias que melhorem a qualidade de vida de seu povo. Neste sentido, este artigo tem como objetivo mostrar o quanto faltam tecnologias para facilitar um dos momentos mais magnânicos da vida: nascer.

Não é fácil nascer na capital amazonense. E muito menos se preparar para vir à vida. Isso foi constatado nesses difíceis meses de espera pelo nascimento do meu filho. Descobrimos que o que acontece com os felizardos que pertencem à classe alta não é muito diferente, pasmem-se, com os da classe baixa. Aqui parece que há uma democracia do atraso, apesar dos esforços governamentais em melhorar o atendimento médico às gestantes. Em muitos casos, como consequência, o setor público é imensamente superior ao atendimento oferecido, a peso de ouro (uma consulta custa em média 400 reais, contra 80 no Sul), pelo setor privado.

A maior parte dos consultórios ginecológicos que contatamos (e não foram poucos), o médico atendia em um ambiente insalubre, com problemas de higiene. O próprio médico, muitas vezes, não tinha um aspecto higiênico agradável, dando a sensação de que faziam falta as higiênes pessoais. Isso tudo conjugado jamais daria a comprovação de que se estava em um consultório médico.

As tecnologias acompanham o quadro inusitado. Nas clínicas pessoais, a tecnologia disponível é quase sempre o velho estetoscópio e o aparelho de pressão arterial. E nada mais. A singeleza das instalações só contrasta com o preço das consultas. Nem quem tem plano de saúde escapa da falta de tecnologia. Aqui a tecnologia faltante é a legal: a lei das prioridades só é obedecida em poucas clínicas. Primeiro atendem-se os pacientes que pagam as caríssimas consultas, depois os clientes com plano de saúde e, se sobrar vagas,

atendem-se os renegados do SUS. Além da falta de tecnologia jurídica, faltam tecnologias do amor.

O médico é um capítulo à parte. Conversando com todos eles, depois que se formaram, apenas um em cada 20 fez alguma atualização profissional. E essa atualização foi feita assistindo palestras em encontros científicos da área! Falar em especialização, por aqui, é como agredir fisicamente o médico. Mestrado e doutorado? Ah, isso são coisas para quem quer ser professor, alegam eles, com a maior certeza e convicção do mundo. Apesar de não estudar, consideram-se os profissionais mais avançados do mundo. Sabem tudo.

Conversando com alguns deles sobre partos sem dor, percebeu-se que nenhum deles conhecia esta tecnologia que permite praticamente eliminar as criminosas cesarianas que todos os médicos, sem exceção, induzem e coagem as parturientes a fazer. E com a conveniência tácita das organizações médicas. Inventam mil razões para renegar todo procedimento que exijam um pouco mais de conhecimento e habilidade disponíveis para auxiliar as mulheres nesta inesquecível etapa da vida.

As organizações de suporte também precisam se atualizar. As ultrassonografias antigas, aquelas em que um leigo não consegue visualizar e identificar nada, são a predominante por aqui. As ultrassonografias 4D, segundo uma das organizações a que procuramos o serviço, não seriam cobertas pelo plano de saúde porque eram “estéticas”. Isso mesmo, ESTÉTICAS! A outra organização a quem recorreremos disse que não era possível fazer ultrassonografia 4D porque já estava no oitavo mês de gestação! Incrível!

Neste particular, as ultrassonografias são como qualquer tecnologia: primeiro aparece a novidade, depois novas versões aperfeiçoadas dela aparecem em um processo evolutivo constante. Assim, tivemos a ultrassonografia 2D, depois a 3D e agora estamos na época da 4D. Mas isso nada tem a ver com estética. É uma necessidade médica de precisão, exatidão, no diagnóstico e, ao mesmo tempo, a satisfação, o reconforto para os pais de ver a fisionomia de seu rebento. A tecnologia serve para isso: para resolver problemas e, se possível, confortar.

O mundo da tecnologia é um universo fascinante. Mas quem quiser desvendá-lo tem que estar disposto a fazer o investimento necessário para isso. Medicina do passado é fácil de fazer, mas seus resultados são duvidosos, para não dizer “trágicos”. Medicina do presente

exige um pouco mais de comprometimento do médico e das organizações de apoio com o aprendizado. Mas aprendizado de verdade, em que o médico e profissionais de apoio se dedicam alguns anos (como o fazem os profissionais de outras áreas) à aquisição da competência que, depois constatarão, apenas supostamente detinham. E não se enganem: o doutorado não é apenas uma titulação acadêmica, é a exigência número um para o exercício da medicina em País sério. E que já está sendo cobrada pelos clientes dos Estados e municípios desenvolvidos do Brasil.